

A GREVE GERAL DE 1917 E AS MORTES PELA AÇÃO REPRESSIVA – UMA ABORDAGEM DA ANTROPOLOGIA FORENSE NA INVESTIGAÇÃO NOS CEMITÉRIOS*Ana Paula Moreli Tauhyl¹**Márcia Lika Hattori²***RESUMO**

Em 1917, cerca de 50.000 pessoas em São Paulo - cuja população contava com 400.000 habitantes - aderiram a uma greve geral por melhores condições de trabalho. A histórica greve sob forte influência de diferentes movimentos, entre eles o anarquista, foi uma das maiores expressões de mobilização operária na cidade. A reação do Estado envolveu toda a força policial com o uso da cavalaria e resultou na morte de grevistas e na perseguição a militantes que posteriormente sofreram processos de expulsão e as mais variadas formas de repressão. De acordo com relatos da época, dezenas de pessoas teriam falecido nos confrontos, sendo sepultadas no Cemitério do Araçá (DEL ROIO, 2017), apesar do registro oficial de apenas três delas. A partir de uma demanda de grupos de direitos humanos³ e do interesse de pesquisadoras vinculados ao grupo, foi desenvolvida uma pesquisa com o objetivo de elucidar, a partir dos registros de sepultamento do cemitério paulistano, o desaparecimento e a morte de militantes ligados à greve. O trabalho possibilitou estabelecer um panorama sobre o envio de corpos ao cemitério pelos institutos responsáveis pelo processo de identificação relacionados a uma cadeia de saberes técnicos que estruturará em certa medida, até o presente, a necropsia e o destino de cadáveres na cidade de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: movimento operário, cemitérios, antropologia forense, investigação preliminar

ABSTRACT

In 1917, about 50,000 people in São Paulo - out of a population of 400,000 - joined a general strike for better working conditions. The historic strike under the strong influence of different movements, including the anarchist movement, was one of the greatest expressions of mobilization of the workers in the city. The reaction of the state involved the entire police force with the use of cavalry and resulted in the death of strikers and the persecution of militants who subsequently suffered expulsion processes and various forms

¹ Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP) e especialista em Antropologia Forense e Direitos Humanos pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

² Mestre em Arqueologia (MAE – USP), especialista em Antropologia Forense aplicada aos Direitos Humanos (UNED) e doutoranda pelo Instituto de Ciências del Patrimonio (Incipit), parte do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas – CSIC, com financiamento Marie Skłodowska-Curie Actions (Agreement Nr – 722416).

³ O trabalho foi desenvolvido pelas pesquisadoras sob demanda do Comitê Paulista pela Memória, Verdade e Justiça – CPMVJ, grupo composto por diferentes militantes de direitos humanos.

of repression. According to reports at the time, dozens of people were killed in the clashes and buried in the Araçá Cemetery (DEL ROIO, 2017), despite the official record of only three of them. Due to a demand from human rights groups and also from the interest of researchers linked to these groups, the research was developed to elucidate the disappearance and death of strike-linked militants based on the burial records of this cemetery. The work made it possible to establish a panorama about the sending of bodies to the cemetery by the institutes responsible for the identification process, which are related to a chain of technical knowledge that will structure, to a certain extent, the necropsy and the destination of corpses in the city of São Paulo until today.

KEYWORDS: labor movement, cemetery, forensic anthropology, preliminary investigation

RESUMEN

En 1917, alrededor de 50.000 personas en São Paulo – cuya población era de 400.000 habitantes – se sumaron a una huelga general por mejores condiciones de trabajo. La huelga histórica, bajo fuerte influencia de distintos movimientos, entre ellos el anarquista, fue una de las más grandes expresiones de movilización obrera en la ciudad. La reacción del estado involucró a toda la fuerza policial con el uso de la caballería y resultó con la muerte de huelguistas y persecución de militantes que posteriormente sufrieron procesos de expulsión y diversas formas de represión. Según los informes de la época, resulta que decenas de personas murieron en los enfrentamientos, siendo enterradas en el cementerio de Araçá (DEL ROIO, 2017), a pesar del registro oficial de solo tres de ellas. A partir de una demanda de grupos de derechos humanos y del interés de investigadoras vinculadas al grupo, se desarrolló una investigación con el objetivo de dilucidar, a partir de los registros funerarios del cementerio de São Paulo, la desaparición y muerte de activistas vinculados a la huelga. El trabajo permitió establecer una visión general sobre el envío de cuerpos al cementerio por parte de los institutos responsables del proceso de identificación relacionado con una cadena de conocimiento técnico que estructurará, en cierta medida, la necropsia y el destino de los cadáveres en la ciudad de São Paulo.

PALABRAS CLAVE: movimiento obrero, cementerios, antropología forense, investigación preliminar

INTRODUÇÃO

No dia 13 de julho de 1917, o jornal O Estado de S. Paulo denunciava a morte de 18 pessoas na cidade de São Paulo em consequência da repressão policial à greve geral. O pesquisador e militante José Luiz Del Roio (2017) afirma que jornais como “A Plebe”, “La Guerra Sociale”, “Debate” e “Fanfulla” falavam em dezenas de mortos e se perguntavam onde estavam e quem eram eles. De acordo com relatos da época, estas pessoas teriam falecido nos confrontos, sendo sepultadas no Cemitério do Araçá (DEL ROIO, 2017, p. 94), apesar do registro oficial de apenas três delas⁴. O jornal “Fanfulla” publicou, no dia 22 de

⁴ O próprio website da Secretaria de Segurança Pública do Governo do Estado de São Paulo confirma a informação sobre os mortos na Greve Geral de 1917. Em sua linha do tempo, referente à história da Polícia no Estado de São Paulo, há o seguinte texto: “Greve Operária em São Paulo - São

julho, em sua segunda página, o seguinte artigo não assinado, intitulado “Vozes alarmantes sobre o número de mortos. Uma visita ao Cemitério do Araçá”:

Repugna acreditar que a polícia tenha ocultado o número real dos infelizes que foram mortos durante os dias da greve. A polícia, como já demonstramos, com o seu silêncio ajuda a dar crédito a estas vozes, porque o raciocínio que se faz é o seguinte: se os desaparecidos não estão presos, nem nos hospitais, quer dizer que foram sepultados. Entre outras vozes que correm insistentemente, recolhemos estas, que pelo seu fácil controle e pela sua enorme gravidade, não pode ser ocultada. O cemitério do Araçá teria sido escolhido para acolher os corpos das vítimas da greve e o número calculado chegava a 100! **No Araçá, e sobre estes dados se baseia o nosso raciocínio, em poucos dias foram abertas 210 covas, precisamente na quadra 139, letras O.A.** Durante a noite do 15, nas covas foram sepultados os cadáveres dos mortos. Um esquadrão de cavalaria impedia qualquer noctâmbulo curioso de se aproximar à necrópole. Os vizinhos, porém, observavam e viam os carros da polícia, sibilando sinistramente suas sirenes. A lúgubre operação prosseguiu na noite seguinte. Os cadáveres, sempre segundo estas vozes, foram colocados nus em suas covas. No dia 19 do corrente, pela tarde outros seis cadáveres foram enterrados, no mesmo local já referido. Eram corpos de cinco homens e uma mulher. Alguns soldados protegiam o trabalho dos coveiros e impediam que os piedosos que frequentavam aquele lugar de amor e de dor se aproximassem deles. Esta revelação, que torcemos que não seja verdadeira, é impressionante e deixa a alma gelada. Espera a polícia desmentir, demonstrando que é inexata, e esperamos que o faça sem hesitação, senão ficaria comprometida (FANFULLA, 1917, p. 2, apud DEL ROIO, 2017, p. 90, grifo nosso).

No marco dos 100 anos da greve geral de 1917, evento que teve influência de diferentes perspectivas como o sindicalismo mais pragmático, de anarquistas e socialistas, cujos desdobramentos aos diferentes movimentos sociais têm sido bastante discutidos pela historiografia (SANTOS, 2013; 2016; LOPREATO, 1996; BIONDI, 2009; BATALHA, 2000), membros do Comitê Paulista pela Memória Verdade e Justiça (CPMVJ), grupo formado por militantes de direitos humanos, familiares de desaparecidos e ex-presos políticos da ditadura militar (1964-1985), solicitaram às autoras do presente artigo a possibilidade de investigação na documentação do cemitério do Araçá para procurar nomes de pessoas que poderiam ter sido mortas pela repressão policial durante a referida greve. Essa solicitação estava relacionada ao próprio acompanhamento do grupo aos trabalhos de antropologia

Paulo foi palco de um movimento grevista de grandes proporções. Os operários reclamavam contra os baixos salários, jornada de trabalho, direito a férias, crianças trabalhando como adultos, e nenhuma aposentadoria ou indenizações. Três grandes choques aconteceram nos seguintes pontos de São Paulo: Praça da Sé, Largo da Concórdia e na Avenida Água Branca. Em 17 de julho de 1917, os efetivos da Força Pública dispersaram os grupos de desordeiros em vários locais de manifestações organizadas, onde ocorreram as mortes de vários soldados e muitos manifestantes”. Disponível em: <<http://www.ssp.sp.gov.br/Institucional/Historico/TimeLine.aspx>>. Acesso em: Jul. 2017.

forense relacionados às buscas de desaparecidos da ditadura e à investigação preliminar na documentação de cemitérios e Institutos Médico Legais, mais especificamente no que concerne às análises do caso da vala clandestina do Cemitério Dom Bosco, no bairro de Perus, São Paulo⁵. Como arqueólogas, vinculadas até aquele momento ao Grupo de Trabalho Perus e, principalmente, atuantes no contato direto com grupos de familiares e de direitos humanos, compreendíamos também a importância do desenvolvimento de trabalhos como esse, em que o próprio movimento demandava esse tipo de ação com o objetivo de desvelar a repressão do Estado, vinculado aos interesses empresariais, para além do período da última ditadura militar brasileira.

O objetivo deste artigo, portanto, é o de apresentar os resultados obtidos a partir de uma pesquisa realizada nos livros de registro do Cemitério do Araçá do ano de 1917, com o intuito de verificar se os conflitos entre a população e as forças policiais, ocorridos no contexto da Greve Geral que teve lugar na cidade de São Paulo em julho deste mesmo ano, resultaram em mortos que teriam sido oficialmente sepultados no referido Cemitério. O trabalho de pesquisa, que analisou todos os sepultamentos de janeiro a dezembro de 1917, além dos meses de julho de 1916 e de 1918, buscou verificar se, durante o mês de julho ou no próprio período em que ocorreu a greve, havia uma quantidade maior de inumações no cemitério que poderia se relacionar com a ação policial e com os confrontos durante a greve. Além da quantidade de inumações, dados como a causa da morte e o lugar de encontro do cadáver também poderiam indicar relação com as ações repressivas. Se, por um lado, o método de trabalho fora bastante efetivo no levantamento das informações, por outro, a possibilidade do enterramento de pessoas como desconhecidas (categoria utilizada pela burocracia da morte para categorizar corpos não reclamados), a dificuldade diante do cruzamento de dados com casos de falecidos que iam diretamente à Faculdade de Medicina de São Paulo e a necessidade de verificar os registros de outros cemitérios municipais, não possibilitaram encontrar o lugar de inumação de muitos desaparecidos em relação aos quais havia a hipótese de terem sido mortos durante a ação policial realizada para reprimir a greve.

⁵ Trata-se do Grupo de Trabalho Perus (GTP), projeto que teve início em 2014 e que tinha como objetivo a busca de 41 pessoas, entre mortos e desaparecidos pela ditadura militar, dentre os remanescentes ósseos humanos que se encontravam na vala clandestina do Cemitério Dom Bosco (Perus). O GTP foi formado a partir da iniciativa de três instituições, a saber: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania da Prefeitura Municipal de São Paulo e a Universidade Federal de São Paulo. [Trecho suprimido devido à avaliação às cegas].

Vale ressaltar que a pesquisa demonstrou o grande potencial que os livros cemiteriais apresentam para a investigação dos mais diversos temas, desde a violência policial até as doenças que afligiam a população no período, apenas para citar alguns exemplos. Se abordados para além de uma investigação histórica e a partir de uma perspectiva vinculada aos trabalhos de buscas de desaparecidos, os livros podem ter enorme potencial na visibilização de casos que foram completamente negligenciados pelo Estado naquele período. Trata-se, na perspectiva latino-americana, de uma etapa denominada pesquisa preliminar, parte fundamental em trabalhos de antropologia forense, em especial nos contextos dos países latino-americanos que passaram por ditaduras no século XX. Estes países, como a Argentina, Uruguai, Chile, Paraguai e Brasil, têm em comum, além das próprias ditaduras, a ação repressiva que resultou em mortes e desaparecimentos, muitos sem solução até o momento. A criação de equipes, como a Equipe Argentina de Antropologia Forense (EAAF), o Grupo de Pesquisa em Arqueologia Forense (GIAP), no Uruguai, a Equipe Peruana de Antropologia Forense (EPAF) e o já citado Grupo de Trabalho Perus (GTP), no Brasil, vem possibilitando a busca por mortos e desaparecidos, consolidando uma metodologia bastante própria desses contextos, que conta com um enfoque para além da antropologia física, ou seja, para além da análise de ossos. O trabalho interdisciplinar é fundamental em pesquisas desse tipo, na busca por entender o contexto das mortes e desaparecimentos e os mecanismos institucionais de repressão e ocultamento de cadáveres. A História, a Antropologia Social e a Arqueologia são, portanto, disciplinas chave para compreender tais processos, auxiliando na localização de corpos, nas suas identificações e em ações que possam resultar em responsabilização e em processos relacionados à justiça transicional.

SÃO PAULO NO INÍCIO DO SÉCULO XX: MODERNIZAÇÃO, CONFLITOS E FORÇAS POLICIAIS

As primeiras décadas do século XX representam a implementação de um projeto modernizador da cidade de São Paulo inspirado em capitais europeias, onde novas relações sociais passam a se estabelecer entre diferentes grupos. Nessas primeiras décadas, velhas igrejas do centro da cidade que remetiam à colônia foram demolidas, dando lugar a novas igrejas, palácios e prédios, sendo que, muitos deles eram obras de Ramos de Azevedo, as quais ainda se sobressaem na paisagem da cidade (MARTINS,

2011, p. 73). A estruturação dos cemitérios públicos que ocorre em fins do século XIX e começo do XX segue o projeto modernizador em que há uma normalização e institucionalização da doença e da morte (ELIAS, 2001).

Se a cidade de São Paulo era cenário das transformações da modernidade, o mesmo não se dava com seu cenário trabalhista. O contexto que vinha se desenhando pelas mudanças era o de crescimento do número de operários que, diante das condições de trabalho que viviam cotidianamente, passavam a se organizar em sindicatos, partidos e associações, criando situações com potencial explosivo (SEVCENKO, 2001, p. 60). Uma delas foi a greve ocorrida em 1917, que obrigou o empresariado paulista a encarar a péssima situação de milhares de trabalhadores e trabalhadoras (MARTINS, p. 79). Pedidos de redução da jornada de trabalho para oito horas diárias, de aumento de salário, de proibição de trabalho noturno para menores de 14 anos e os efeitos de uma carestia que assolava a população – artigos de primeira necessidade custavam de 20 a 150 por cento a mais que o ano anterior (DULLES, 1973, p. 47) – estavam entre os motivos da paralisação que durou cerca de um mês. Em 12 de julho, calculava-se que em torno de 15 a 20 mil operários se encontravam parados (DULLES, 1973, p. 52).

São Paulo é uma cidade morta: sua população está alarmada, os rostos denotam apreensão e pânico, porque tudo está fechado, sem o menor movimento. Pelas ruas afora alguns transeuntes apressados, só circulavam veículos militares, requisitados pela Cia. Antártica e demais indústrias, com tropas armadas de fuzis e metralhadoras. Há ordem de atirar sobre quem fique parado na rua. Nos bairros fabris do Brás, Mooca, Barra Funda, Lapa sucedem-se tiroteios com grupos de populares; em certas ruas já começaram a fazer barricadas com pedras, madeiras velhas, carroças viradas e a polícia não se atreve a passar por lá, porque dos telhados e cantos partem tiros certos. (DIAS, 1962 apud BANDEIRA; MELO; ANDRADE, 1967, p. 56-57)

Dulles cita apenas as três mortes oficiais como resultantes dos conflitos, contudo salienta que houve muitos feridos resultantes dos confrontos entre a cavalaria da polícia e a multidão faminta que assaltava o comércio e as carrocinhas que vendiam alimentos. A cidade começou a voltar ao normal em 17 de julho, com acordos sendo firmados nos dias posteriores (DULLES, 1973, p. 53).

É também nesse período de modernização que as instituições policiais são ampliadas, profissionalizadas e suas ações se disseminam pelo espaço público como um dos pilares da sociedade moderna, introduzidas para propagar e proteger uma concepção

dominante de ordem social que surge junto a transformações socioeconômicas e culturais ocorridas ao longo do século XIX. São Paulo, que experimentava uma acelerada expansão econômica em um processo de rápida transformação em uma sociedade industrial buscava disciplinar e ordenar (FOUCAULT, 1975) as classes trabalhadoras. O início do século XX trouxe a profissionalização da polícia e os entusiastas de uma polícia científica, fortemente influenciada por um discurso científico instituído, em especial vinculado a teorias criminológicas, com o auxílio de áreas recém-descobertas, como a fotografia e a antropometria. Como afirma Medeiros (2016), o controle dos corpos passa a ser algo técnico e científico e peritos passam a ser aqueles capazes de identificar lesões nos corpos e definir “verdades (periciais)”. O aumento populacional em uma sociedade que havia há pouco saído da escravidão e que contava com novos atores que chegavam ao país por meio da imigração, com ideias revolucionárias, fomentava a concepção da existência de classes perigosas, objetos de atenção de uma polícia que se ancorava em estudos que buscavam criar um perfil de criminoso nato, de um delinquente natural (MARTINS, 2014, p. 27, 43, 56-57, 279-280).

A identificação dos mortos e a investigação da causa da morte para a resolução de crimes são outros aspectos importantes nesse contexto de modernização. Assim, uma das instituições centrais relacionadas à gestão dos mortos nasce vinculada à polícia: O Instituto Médico Legal, o órgão técnico mais antigo da Polícia de São Paulo, criado ainda durante o governo monárquico no Brasil em 1886. O Instituto teve como origem o Serviço Médico Policial da Capital, instituído pela Lei nº 18 de 07 de abril de 1886 e foi regulamentado pouco tempo depois, no dia 20 de abril. A instituição funcionou a partir do atendimento de dois médicos que acumulavam as funções de médicos legistas e clínicos nas cadeias públicas⁶.

Tal órgão era o responsável pela verificação de óbito e efetuava necropsias em casos de morte violenta ou suspeita sob o nome de Gabinete Médico Legal, no momento de sua fundação. Além deste, é possível que a Faculdade de Medicina de São Paulo também realizasse o serviço uma vez que, para o período analisado, verificou-se o recebimento de corpos no cemitério do Araçá a partir dessas duas instituições, conforme será retomado posteriormente.

⁶ Documento elaborado pelo Memorial da Resistência de São Paulo no âmbito do projeto Lugares da Memória. Instituto Médico Legal de São Paulo (IML). Site: http://www.memorialdaresistencia.org.br/memorial/upload/memorial/bancodedados/130844883726263528_FICHA_COMPLETA_IML.pdf. Acessado em: fevereiro de 2019.

A cidade em 1917 contava com 10 cemitérios públicos: Santo Amaro, Consolação, Quarta Parada, Araçá, Freguesia do Ó, Chora Menino, Penha, Lageado, Vila Mariana e Parelheiros. O Cemitério do Araçá, aqui pesquisado, foi fundado em 1897, em uma colina cujos ventos não sopravam em direção à cidade, sendo esta uma razão fundamental para a escolha de sua localização. Em 1878, já havia sido iniciada nas proximidades a construção do Hospital de Isolamento, atual Hospital Emílio Ribas, na antiga Avenida Municipal, hoje Dr. Arnaldo, endereço do Cemitério. O Hospital foi edificado com o intuito de combater uma epidemia de varíola. Até 1897, os falecidos em decorrência da varíola e de outras doenças infecciosas eram sepultados em um cemitério ao lado deste Hospital, em área onde hoje se situa a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. A partir da inauguração do Cemitério do Araçá, estes casos passaram a ser encaminhados para lá, num quarteirão específico, de número 69, chamado “Quadra das moléstias contagiosas” (CAMARGO, p.406-410). Ainda de acordo com Camargo (p. 446), até os anos de 1920, 1930, eram os falecidos de famílias de condição mediana e imigrantes recém enriquecidos os sepultados no Araçá, enquanto que os mais pobres, imigrantes e operários iam para o Cemitério do Brás e os mais ricos e membros de famílias tradicionais seguiam para o Cemitério da Consolação que, já no final do século XIX, se encontrava bastante ocupado, sendo esta uma outra razão para a construção do Cemitério do Araçá.

É, portanto, nesse contexto de modernização, aumento populacional, conflitos por melhores condições de trabalho e de vida, e de medo e insegurança por parte das elites, que se situa o momento em que se dão as ações que são o objeto desta pesquisa.

Os livros de registro de entrada do Cemitério do Araçá correspondentes à década de 1910 do século XX estão sob a guarda do Arquivo Histórico Municipal, situado à Praça Fernando Prestes, no. 152, no bairro do Bom Retiro, também em São Paulo. As pesquisas aconteceram do dia 16 de maio ao dia 19 de junho de 2017.

METODOLOGIA

Buscou-se, com a pesquisa, localizar os registros dos 3 mortos oficiais e de 19 desaparecidos⁷. Foram também coletados dados relativos a todos os sepultamentos ocorridos de janeiro a dezembro de 1917, além dos dados dos meses de julho de 1916 e julho de 1918. Tal sistemática permitiu comparar a quantidade de sepultamentos de cada mês no ano de 1917 para que ficasse evidente ou não uma ocorrência diferente em julho, mês da Greve Geral. Os meses de julho dos outros anos tiveram informações coletadas a fim de que fosse possível entender eventuais particularidades do mês em questão. Os livros pesquisados foram os seguintes (Tabela 1):

Tabela 1. Período abarcado por cada livro pesquisado.

<u>Número do livro</u>	<u>Data de início</u>	<u>Data de término</u>
54	30/06/1916	30/01/1917
55	30/01/1917	15/08/1917
56	15/08/1917	29/01/1918
57	29/01/1918	31/07/1918
58	31/07/1918	12/11/1918

Cada registro de entrada teve os seguintes campos coletados: número do livro, número sequencial do sepultamento, data de sepultamento, sexo, nome, idade, nacionalidade e causa da morte. Foi criado um campo para observações gerais (

Tabela 2 **Erro! Fonte de referência não encontrada.**).

Posteriormente criou-se categorias de idade para as análises. São estas: Fetos, crianças com até 14 anos e maiores de 15 anos⁸.

⁷ Os nomes e as idades dos desaparecidos (Tabela 3 **Tabela 3**) foram fornecidos por José Luiz Del Roio em sua pesquisa sobre a greve de 1917 publicada em 2017 (ver as referências bibliográficas).

⁸ Essa divisão foi feita com base nas categorias modernas utilizadas pelo IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/conceitos.sh>>. Acesso em: Jul. 2017.

Tabela 2. Trecho de planilha utilizada para a coleta de dados. A coluna com os nomes foi ocultada para preservar a identidade das pessoas envolvidas.

Livro	Número	Data do sepultamento	Sexo	Idade	Nacionalidade	Data da morte	Causa da morte	Observação
54	75751	01/07/1916	Masculino	9	brasileira	30/06/1916	endocardite, nefrite crônica	
54	75752	01/07/1916	Feminino	0	não consta	01/07/1916	inviabilidade	
54	75753	01/07/1916	Feminino	10 horas	brasileira	30/06/1916	inviabilidade	
54	75754	01/07/1916	Masculino	8 meses	brasileira	30/06/1916	broncopneumonia	
54	75755	01/07/1916	Masculino	0	não consta	01/07/1916	não consta	
54	75756	01/07/1916	Feminino	8 meses	brasileira	30/06/1916	gastroenterite	
54	75757	01/07/1916	Masculino	21 dias	brasileira	01/07/1916	broncopneumonia	
54	75758	01/07/1916	Masculino	58	italiana	30/06/1916	gripe	
54	75759	01/07/1916	Masculino	18	brasileira	01/07/1916	tuberculose	
54	75760	01/07/1916	Masculino	40	italiana	30/06/1916	câncer de esôfago	
54	75761	01/07/1916	Feminino	15	brasileira	30/06/1916	tuberculose pulmonar	
54	75762	01/07/1916	Masculino	38	italiana	28/06/1916	cirrose alcoólica	
54	75763	01/07/1916	Feminino	65	italiana	30/06/1916	pneumonia lobar	
54	75764	01/07/1916	Masculino	66	austriaca	30/06/1916	gastrite ulcerosa	
54	75765	02/07/1916	Feminino	3 dias	brasileira	01/07/1916	fraqueza congênita	
54	75766	02/07/1916	Masculino	3	brasileira	30/06/1916	broncopneumonia	
54	75767	02/07/1916	Masculino	4 meses	brasileira	01/07/1916	bronquite capilar	
54	75768	02/07/1916	Masculino	45	brasileira	01/07/1916	cardiopatia	
54	75769	02/07/1916	Feminino	18	brasileira	30/06/1916	lesão cardíaca	

RESULTADOS

1.1. MORTOS OFICIAIS

O percurso fora interrompido pouco depois de passarem pela Antártica, no meio do caminho. Ao chegar à rua Monsenhor Andrade, próximo à esquina da Fernandez Silva, trinta cavaleiros e cinquenta soldados armados atacaram a multidão. A ordem agora era atirar. Ouviram-se estampidos e gritos, os manifestantes revidam, inclusive com armas de fogo. Entre os feridos estava o jovem espanhol José Iniguez Martinez, 21 anos, que faleceu um dia depois na Santa Casa de Misericórdia. O drama de Martinez chocou os paulistanos. Seu país atravessava um período de empobrecimento acentuado e convulsão social. A Espanha se mantivera neutra no conflito mundial, o que facilitava a imigração aos mais desesperados. A família Martinez estava entre esses. O pai Antônio, a mãe Lourença e o irmão Pedro, de 15 anos, desembarcaram com o rapaz no dia 3 de janeiro daquele ano, no porto de Santos. Buscavam emprego em São Paulo. Por algum motivo, o pai ficou gravemente doente e José conseguiu

o trabalho como sapateiro, que se tornou o único meio de vida da família. A bala acabou com seus sonhos e jogou a família na miséria (DEL ROIO, 2017, p. 61).

A pesquisa localizou os registros de entrada dos três mortos oficiais. O primeiro deles é o anteriormente citado José Inigue⁹, sapateiro espanhol de 21 anos, filho de Antonio Inigue, falecido no dia 10 de julho de 1917, de hemorragia interna, e que foi sepultado no dia 13 de julho do mesmo ano, na quadra geral 139, sepultura no. 172. O endereço que aparece no registro é o da Rua Caetano Pinto, 91.

No dia 13 de julho faleceu a menina Eduarda Bindi, paulistana, 8 anos de idade, filha de Primo Bindi, de hemorragia cerebral traumática. Eduarda foi sepultada no dia 14 de julho, na quadra geral 81 de anjos do meio, sepultura no. 327. Consta no registro de entrada um endereço da Rua Victorino Camilo, 139, Barra Funda.

No mesmo dia 13 de julho também faleceu o italiano Nicola Salerno, pedreiro, com 28 anos, vítima de hemorragia torácica interna. Nicola foi sepultado no dia 14 de julho, na quadra 44, terreno perpetuo no. 12. Consta o endereço da Rua Minas Gerais, 18. Ambos, Eduarda e Nicola, mortos em uma tarde durante o ataque da cavalaria da Força Pública na Ladeira do Carmo (BIONDI, 2009).

Pouco se sabe sobre estas duas outras vítimas. De acordo com Dulles (1973, p. 53), a morte de Nicola foi resultado de um conflito em que um grupo de pedreiros havia assaltado um bonde, forçando os passageiros a descer. Um soldado que defendia a plataforma da frente atirou no chefe do grupo, Nicola, causando sua morte. Já a menina Eduarda fora vítima de uma bala perdida, disparada no mesmo contexto de conflito em que os grevistas tentavam impedir a circulação de bondes, ação respondida pelos soldados com tiros.

Em relação aos casos de pessoas desaparecidas durante a greve, os seguintes nomes foram procurados entre os registros:

⁹ Esse é o nome que aparece no registro do Cemitério do Araçá. Contudo, conforme demonstra o trecho citado, o jovem sapateiro era conhecido como José Inegues Martinez.

Tabela 3. Nome e idade das pessoas desaparecidas procuradas nos livros do Araçá.

<u>Nome</u>	<u>Idade</u>
Gardino Angelo	-
Jacob Batista	-
Ferrucchi Castaldelli	-
Alexandro Bassini	-
Domenico Negro	18
Milani Achille	44
Marim Roma ou Roura	-
Brasil Campion	27
Rosario del Giorno	-
Ugatti Pietro	19
Ugatti Matteo	65
Salvatore Braggi	23
Tosati Vittorio	17
Cristovam Lavrador	21
José Garcia	-
Antonio Lopes	-
Giuseppe Gallo	-
Ovidio Fernandez	-
Antonio Arguelho	23

Da lista de desaparecidos, foi encontrado entre os registros do Cemitério do Araçá, nos meses pesquisados, apenas o nome de José Garcia, em dois registros. O primeiro deles é um homem espanhol de 32 anos que foi sepultado no dia 19/07/1917. Contudo seu falecimento se deu em 23/04/1917, de carcinoma de piloro (um tipo de câncer estomacal). Seu cadáver estava na Faculdade de Medicina e, possivelmente, por esta razão, fora enterrado três meses depois do seu falecimento.

O outro registro em nome de José Garcia diz respeito a um homem, também espanhol, de 17 anos, que havia falecido de “Doença de Arekin¹⁰” no dia 27/07/1917, sendo sepultado no dia seguinte.

Portanto, não foi possível localizar as pessoas que constam na lista de desaparecidos entre aqueles e aquelas que foram registrados nos livros do Cemitério do Araçá com seus nomes. Uma outra possibilidade dizia respeito aos cadáveres sepultados como desconhecidos e desconhecidas.

1.2. OS CASOS DE PESSOAS INUMADAS COMO DESCONHECIDOS E DESCONHECIDAS

Um outro caminho fora o de procurar entre as pessoas inumadas como desconhecidos, possíveis desaparecidos vinculados à greve. Dos 4733 sepultamentos acontecidos em 1917, 10 foram de desconhecidos e 3 foram de desconhecidas. Em relação especificamente a julho de 1917, um homem desconhecido de aproximadamente 50 anos faleceu no dia 07 (Figura 1), de fratura de crânio (desastre), uma mulher desconhecida de 40 anos aproximados faleceu no dia 27 de alcoolismo agudo e, por fim, outra mulher desconhecida, de 60 anos também aproximados faleceu no dia 28, vítima de colapso cardíaco.

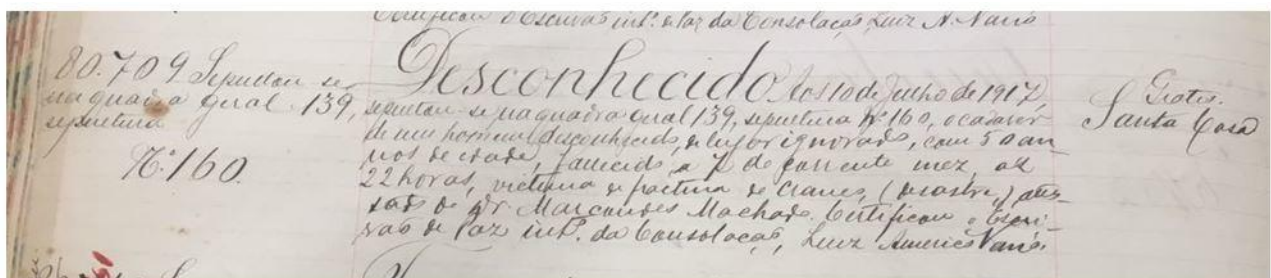


Figura 1. Homem desconhecido falecido em 07 de julho de 1917.

Fonte: Ana Paula Tauhyl, 2017.

¹⁰ Não é claro de que doença trata o registro. É possível que se refira a Ictiose Arlequim, condição genética rara e grave que ocasiona o espessamento da camada de queratina do feto. Contudo, o fato de o homem ter falecido com 17 anos causa estranheza, uma vez que crianças afetadas pela doença vivem geralmente até os 3 anos de idade.

Com base nas informações levantadas, nenhum dos casos que deram entrada como desconhecido ou desconhecida é compatível com a lista de pessoas desaparecidas procuradas nos livros de registro do Cemitério do Araçá.

1.3. ANÁLISES DOS SEPULTAMENTOS

O levantamento dos registros de entradas no Cemitério do Araçá durante o ano de 1917 pode ser visto no Gráfico 1.

Gráfico 1. Quantidade de sepultamentos no Cemitério do Araçá no ano de 1917.

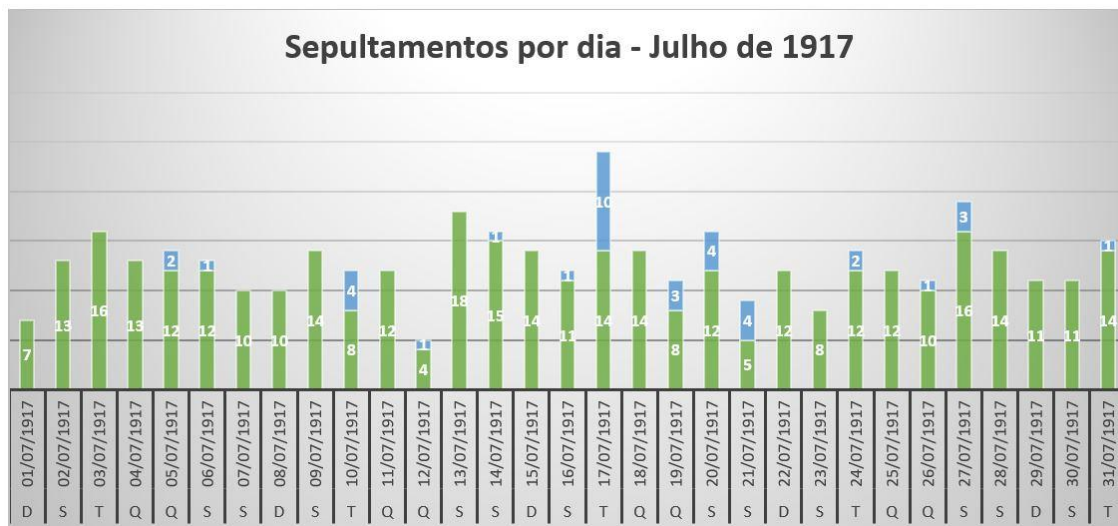


Julho de 1917 tem um ligeiro aumento de sepultamentos se comparado aos meses próximos. A partir de outubro de 1917 o número de sepultamentos cresce ainda mais. De acordo com Maria Silvia Bassanezi (2014), o maior número de mortes nos meses mais quentes no período se devia à proliferação de microrganismos que causavam doenças do aparelho digestivo, grande causa da morte de crianças¹¹. Por outro lado, a partir de uma análise mais detalhada dia a dia do mês de julho de 1917, podemos ver um pico registrado para o dia 17 de julho de 1917 (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**):

¹¹ Maria Silvia Bassanezi. Imigração e mortalidade na terra da garoa. São Paulo, final do século XIX e primeiras décadas do século XX, 2014. Disponível em: < <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/2101> >. Acesso em: Jul. 2017.

Gráfico 2. Sepultamentos por dia em julho de 1917.

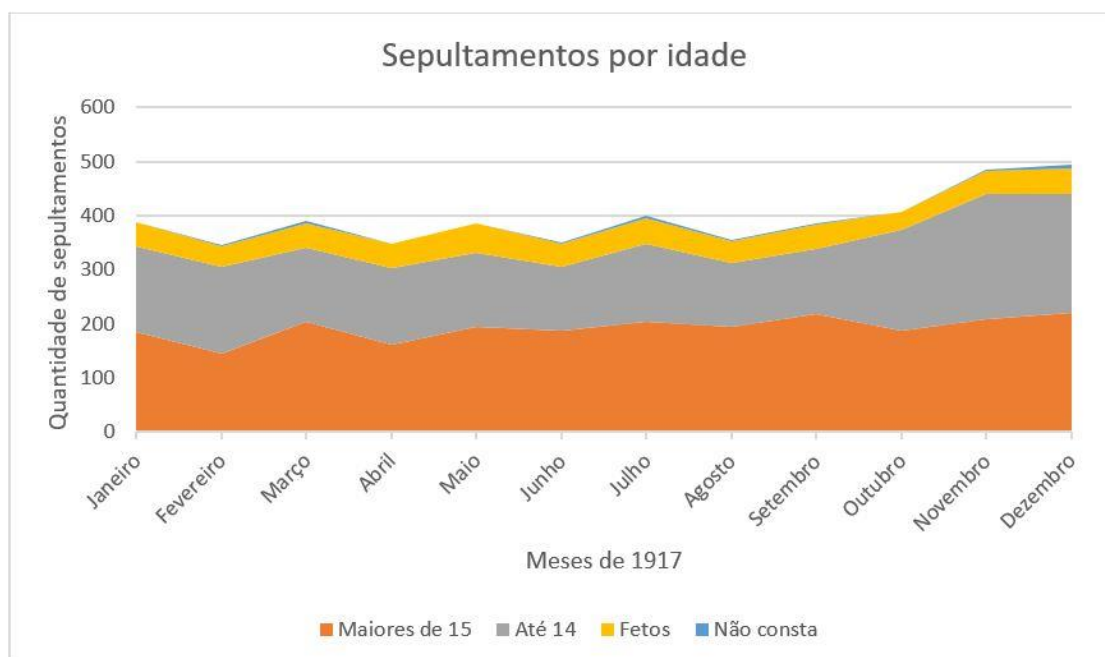
Em verde, o número de sepultamentos normais, geralmente ocorridos no dia posterior ao falecimento. Em azul, os sepultamentos de corpos vindos da Faculdade de Medicina e do Instituto de Anatomia.



O número alto de sepultamentos é explicado pelo envio de 9 corpos da Faculdade de Medicina e 1 corpo do Instituto de Anatomia ao Cemitério. Como será abordado posteriormente, tais pessoas, em sua maioria, faleceram vários dias - ou até meses - antes do sepultamento.

Outros sepultamentos semelhantes ocorreram em 05/07/1917 (2 corpos do Instituto de Anatomia), 06/07/1917 (1 corpo do Instituto de Anatomia), 10/07/1917 (1 corpo do Instituto de Anatomia e 3 da Faculdade de Medicina), 12/07/1917 (1 corpo do Instituto de Anatomia), 14/07/1917 (1 corpo da Faculdade de Medicina), 16/07/1917 (1 corpo da Faculdade de Medicina), 19/07/1917 (3 corpos da Faculdade de Medicina), 20/07/1917 (4 corpos da Faculdade de Medicina), 21/07/1917 (4 corpos da Faculdade de Medicina), 24/07/1917 (2 corpos da Faculdade de Medicina), 26/07/1917 (1 corpo da Faculdade de Medicina), 27/07/1917 (3 corpos da Faculdade de Medicina) e 31/07/1917 (1 corpo da Faculdade de Medicina), conforme consta no gráfico.

Se os sepultamentos durante todo o ano de 1917 forem divididos por categorias de idade mais gerais, o resultado será o seguinte (Gráfico 2).

Gráfico 2. Quantidade de sepultamentos divididos por categorias de idade em 1917.

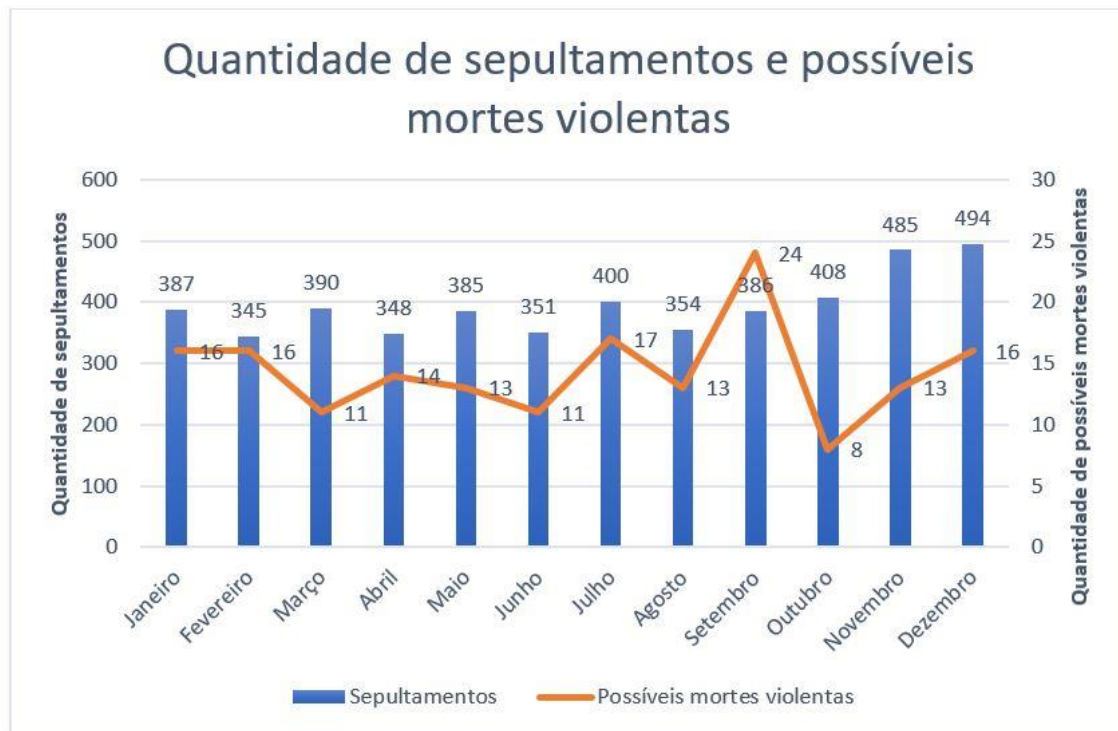
Em alguns meses, o número de fetos e o de crianças com até 14 anos ultrapassa a quantidade de pessoas maiores de 15 anos que são sepultadas no Araçá. Contudo, a razão entre essas categorias permanece constante, inclusive no mês de julho. Há 28 registros em 1917 em que as idades não aparecem. Em 11 não consta a idade, em 11 ela é ignorada (sendo que em 1 registro a idade é desconhecida), em 1 ela é ininteligível e em 1 trata-se de um registro totalmente em branco. A idade é ainda faltante em um registro de “ossada humana” e em 3 registros de “peças anatômicas”. Esses 4 últimos registros são de março de 1917.

Os registros de sepultamento não especificam as circunstâncias da morte, apenas a sua causa imediata. Para que fosse estabelecida uma relação entre os sepultamentos e possíveis mortes violentas¹² foram consideradas as seguintes causas: asfixias mecânicas, envenenamentos, intoxicações, choque traumático, esmagamentos, traumatismos em geral, hemorragias (a menos que seja mencionada uma causa não traumática), além de causas

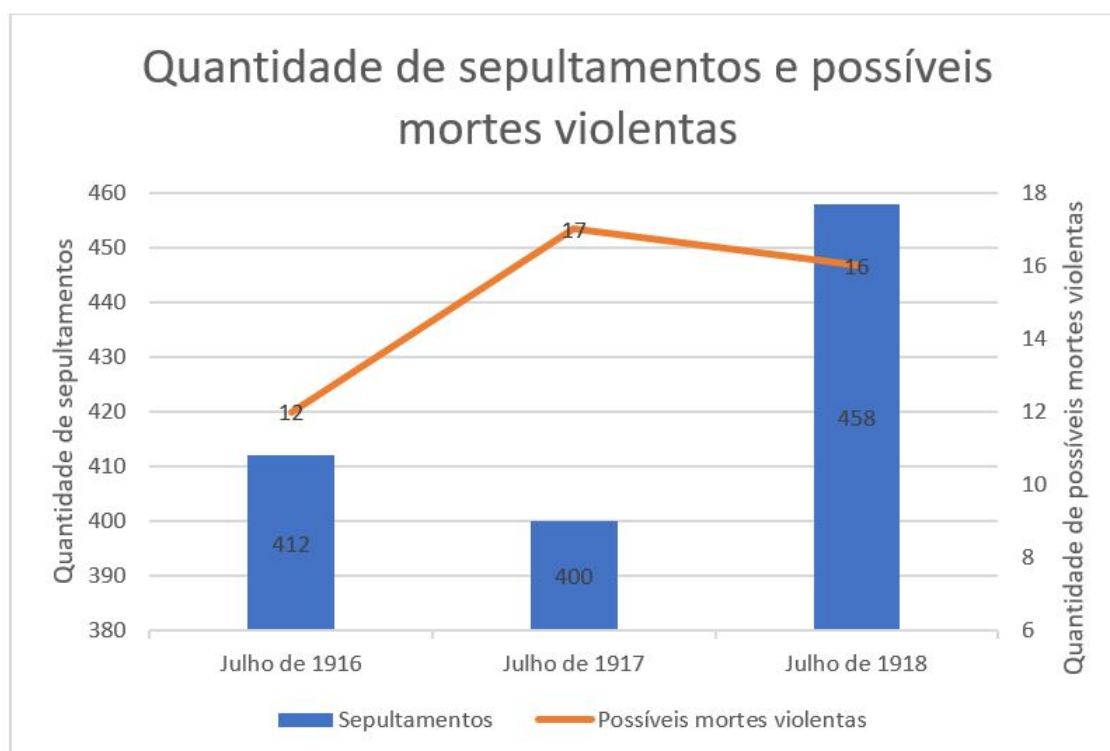
¹² Aqui o conceito utilizado é o de morte violenta como sendo resultante de homicídios, suicídios e acidentes, desencadeados por causas externas. Retirado de Maria Celeste Cordeiro Leite dos Santos. Conceito médico-forense de morte, 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67369>. Acesso em: Jul. 2017.

em que há menções diretas a armas de fogo e a armas brancas. O **Erro! Fonte de referência não encontrada.** mostra tal relação.

Gráfico 3. Quantidade de sepultamentos e de possíveis mortes violentas em 1917



Apesar de julho apresentar 17 possíveis mortes violentas (sendo que 3 delas são comprovadamente violentas – as mortes oficiais), não se trata do mês mais violento nesse ano. Se os meses de julho de 1916 e de julho de 1918 forem colocados lado a lado com julho de 1917, em relação ao número de sepultamentos e possíveis mortes violentas, obtém-se o seguinte **Erro! Fonte de referência não encontrada.**:

Gráfico 4. Sepultamentos e possíveis mortes violentas em julho de 1916, 1917 e 1918.

A quantidade de sepultamentos em julho de 1916 é um pouco maior do que em julho de 1917, embora neste mês o número de possíveis mortes violentas aumente. Já em julho de 1918, a quantidade total de sepultamentos aumenta e o número de possíveis mortes violentas diminui levemente se comparado a julho de 1917. O inverno de 1918 foi bastante rigoroso, o que pode explicar o aumento de sepultamentos¹³. De acordo com o jornal O Estado de São Paulo, de 26/06/1918, a temperatura em São Paulo chegou a menos três graus no dia anterior, com ocorrência de geada nas várzeas do rio Tietê e acúmulo de 3 centímetros de gelo¹⁴. Vale ressaltar que as mortes em São Paulo aumentam significativamente após outubro de 1918, devido à epidemia de gripe espanhola que arrasa a capital (BALSALOBRE, 2011¹⁵; SEADE, 2004¹⁶).

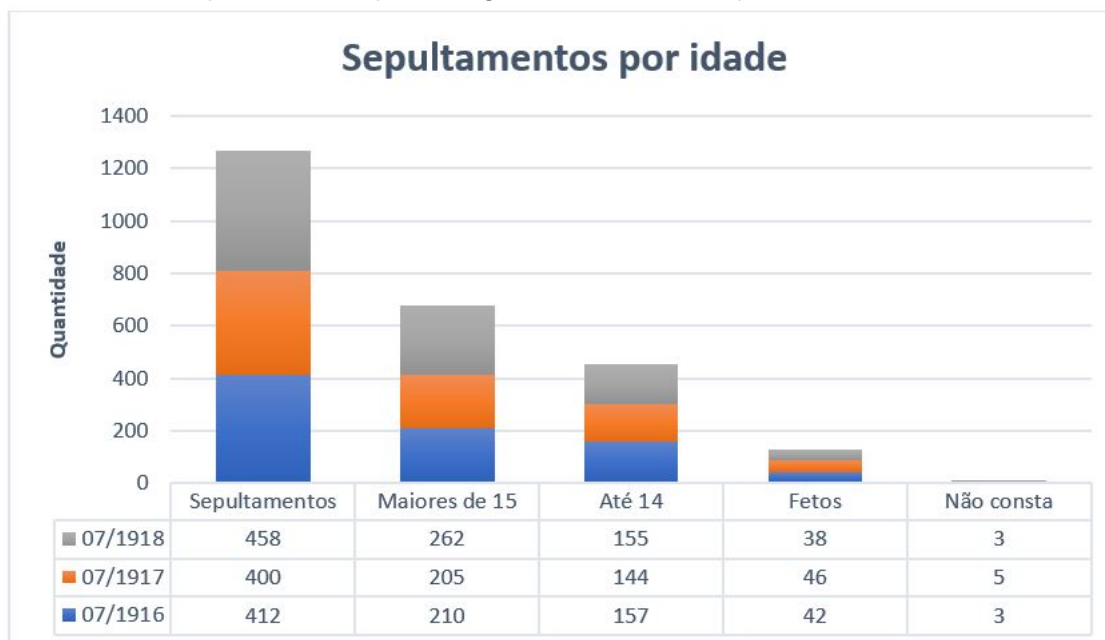
¹³ Maria Silvia Bassanezi (2014) ressalta o grande número de mortes por doenças respiratórias nos meses de inverno, além das consequências fatais das mudanças bruscas de temperatura.

¹⁴ Carlos Eduardo Entini, 2013. São Paulo congelou em 1918. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,sao-paulo-congelou-em-1918,9168,0.htm>. Acesso em: Jul. 2017.

¹⁵ Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre, 2011. A história de São Paulo no ano de 1918 pelo olhar do jornalismo militante: uma análise dos gêneros textuais de *O Combate*. Disponível em:

Se os sepultamentos forem novamente divididos por categorias de idade, pode-se observar que os números permanecem constantes, sem discrepâncias entre os três meses, com uma leve predominância das mortes de pessoas maiores de 15 anos em relação ao total (Gráfico 5).

Gráfico 5. Sepultamentos por categorias de idade em julho de 1916, 1917 e 1918.



Há 3 registros sem idade em julho de 1916 (nos 3 não consta a idade) e 3 registros em julho de 1918 (1 não consta, 1 ignorada e 1 não declarada). Um homem desconhecido de 30 anos aproximados faleceu em 03/07/1916 de asfixia por submersão, enquanto que, em julho de 1918, foram dois casos: uma desconhecida de aproximadamente 60 anos faleceu em 09/07/1918 também de asfixia por submersão e um homem de 70 anos aproximados faleceu no dia 20/07/1918 de uremia.

2. ENVIO DE CORPOS PELA FACULDADE DE MEDICINA E O INSTITUTO DE ANATOMIA DA UNIVERSIDADE

Se os corpos inumados como desconhecidos no cemitério do Araçá poderiam ser potenciais casos relacionados aos desaparecidos durante a greve de 1917, no decorrer da

[http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Sabrina%20Rodrigues%20Garcia%20Balsalobre\(UNESP\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Sabrina%20Rodrigues%20Garcia%20Balsalobre(UNESP).pdf). Acesso em: Jul. 2017.

¹⁶ São Paulo outrora e agora. Fundação SEADE, 2004. Disponível em:

http://produtos.seade.gov.br/produtos/spoutragora/sp_outrora_agora.pdf. Acesso em: Jul. 2017.

pesquisa foram observadas numerosas menções nos registros de sepultamentos referentes à Faculdade de Medicina e ao Instituto de Anatomia da Universidade. Quando isso ocorre, há uma diferença temporal entre a data de morte e a de sepultamento, o que pode significar que o corpo foi levado a esses locais com vistas a algum exame necessário à apuração da causa de morte.

O envio de corpos para as faculdades de medicina não é algo novo, porém, quando lidamos com contextos de desaparecimento de pessoas, a não sistematização e a falta de controle por parte dessas instituições no que diz respeito às identidades dos cadáveres, faz com que estes, mortos em determinado momento, acabem por ser inumados nos cemitérios muitas vezes sem identidade em dias e até meses depois. A dificuldade desse rastreo ocorre até os dias de hoje em São Paulo e em tantas outras cidades do Brasil (VENDRAMINI, 2013). Em diferentes partes do mundo, mais do que a doação de corpos para pesquisa científica, a relação de cadáveres utilizados para faculdades de medicina com classe social, gênero e raça não é de modo algum aleatória. Denyer Willis (2018) lembra que o “Anatomy Act” na Inglaterra permitia que corpos de pessoas pobres pudessem ser dissecados para investigação médica antes de sua inumação. Anteriormente, esse tratamento era reservado para aqueles classificados como criminosos tendo a ciência como justificativa.

É importante ressaltar que a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo foi fundada no final de 1912 e iniciou suas aulas em março de 1913, sendo que, anteriormente, o ensino das disciplinas clínicas na Capital era oferecido pela Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (MARINHO, 2014, p. 67). Em 1934, ocorreu a integração da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo à Universidade de São Paulo¹⁷. Apesar de os alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo terem atuado até 1945 em hospitais ligados à Santa Casa, data da fundação do Hospital das Clínicas, a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo só foi inaugurada em 1963, de acordo com o *website* da própria instituição¹⁸. Já a Escola Paulista de Medicina, atualmente ligada à UNIFESP,

¹⁷ Disponível em: <<http://www.fm.usp.br/fmusp/institucional/historico>>. Acesso em: Jul. 2019.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.santacasasp.org.br/portal/site/quemsomos/historico>>. Acesso em: Jul. 2019.

teve sua fundação realizada em 1933¹⁹. Portanto, as menções à Faculdade de Medicina a ao Instituto de Anatomia nos livros de registro do Cemitério do Araçá provavelmente remetem-se à antiga Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Não é igualmente clara a natureza das ações lá realizadas com os corpos em questão, uma vez que o Serviço de Verificação de Óbitos da Capital (SVOC) da Universidade de São Paulo, regulamentado pelo Decreto 4.967 de 13 de abril de 1931, foi vinculado à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo pelo Decreto 10.139 de 18 de abril de 1939²⁰.

Durante o ano de 1917 e no mês de julho de 1916²¹, há 324 registros com menção à Faculdade de Medicina, sendo que 185 deles (57%) com 4 dias ou mais de diferença entre a data da morte e a data de sepultamento. Há sepultamentos que chegam a ter 354 dias de diferença entre as duas datas, sendo que as maiores ocorrências acontecem com 5 (17 ocorrências), 7 (8 ocorrências), 6 (5 ocorrências), 8, 17, 80 e 96 dias de intervalo (4 ocorrências cada). Há 3 casos (“peças anatômicas”) em que não consta a data da morte.

Em relação ao Instituto de Anatomia, são 24 os registros que o mencionam²². 18 deles têm intervalo de 4 dias ou mais, sendo que é com essa diferença de 4 dias a maior ocorrência. O maior intervalo de tempo acontece uma vez, e é de 377 dias. Há uma ocorrência (“ossada humana”) em que não consta data de falecimento.

Essa situação de intervalo com 4 dias ou mais se repete em outros 90 sepultamentos. Contudo, nestes não há menção ao local para onde o cadáver possa ter sido levado. O intervalo máximo nesses casos é de 261 dias.

Esses intervalos podem levar à suspeita de que o mesmo procedimento possa ter sido feito para os desaparecidos de julho de 1917.

Quando é feita uma seleção de pessoas que faleceram em julho de 1917 e que levaram 4 dias ou mais para serem sepultadas, chega-se a 20 ocorrências. 5 delas dizem

¹⁹ Disponível em: <<https://www.unifesp.br/campus/sao/epm/institucional/apresentacao/historia>>. Acesso em: Jul. 2019.

²⁰ Disponível em: <<http://www.svoc.usp.br/historico.htm>>. Acesso em: Jul. 2019.

²¹ Não há registros deste tipo para julho de 1918.

²² 11 registros mencionam Instituto de Anatomia da Universidade, 5 apenas Instituto de Anatomia, 3 Instituto Anatômico, 3 Instituto da Universidade e 1 apenas Universidade

respeito a pessoas que tiveram um intervalo de 4 dias para o sepultamento, 1 delas é relativa a um intervalo de 5 dias, 1 a um intervalo de 6 dias e outra a um intervalo de 8 dias. As demais 12 ocorrências trazem intervalos acima de 14 dias, sendo que o mais extenso é de 131 dias. Dos 20 casos com intervalo superior a 4 dias, 13 vêm da Faculdade de Medicina e 3 do Instituto de Anatomia da Universidade. As 20 pessoas nessa situação apresentam nome e nenhuma delas sofreu morte violenta. Contudo, esta seleção apenas diz respeito a pessoas que foram sepultadas até dezembro de 1917, escopo da pesquisa. Se pode existir uma janela de quase um ano entre a morte e o sepultamento, como foi verificado anteriormente, não é possível afirmar que esse mecanismo não tenha ocorrido posteriormente com aqueles que desapareceram em virtude da greve.

CONCLUSÃO

A Greve de 1917 abalou profundamente a cidade de São Paulo, marcando a memória de seus moradores. Falava-se anos depois que a população havia superado os “cinco Gês”: a Gripe Espanhola (1918), a geada (1918), os gafanhotos (1918)²³, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e as greves de 1917 e 1918 (SEVCENKO, 1992, p. 24). Assim, procurou-se coletar evidências que embasassem possíveis mortes resultantes da greve de 1917 para além das três ocorrências oficiais.

A coleta sistemática dos registros de entrada do Cemitério do Araçá relativos ao ano de 1917 evidencia que julho desse mesmo ano não traz dados discrepantes daqueles que apresentam os demais meses. O aumento discreto de número de sepultamentos em julho pode estar relacionado com o fato de ser um mês frio, em que as doenças respiratórias normalmente se destacam. Ainda se comparado aos meses de julho de 1916 e de 1918, julho de 1917 mostra-se um mês com menos sepultamentos.

Quando a idade das pessoas sepultadas é levada em consideração, é grande o número de menores de 14 anos falecidos nesses anos. Contudo a razão entre essas mortes e as mortes das pessoas maiores de 15 anos permanece constante durante os meses pesquisados, ao menos em relação ao Cemitério do Araçá.

²³ A geada e uma praga de gafanhotos ocorrida em 1918 prejudicaram a agricultura paulista, principalmente a cafeicultura (BASSANEZI, 2012).

No que concerne às possíveis mortes violentas, julho de 1917 também não se destaca, apesar das três mortes oficiais.

O procedimento de se levar um corpo à Faculdade de Medicina ou ao Instituto de Anatomia atrasando a data do sepultamento mostra-se prática recorrente, em que não é claro se o procedimento tinha por finalidade a realização de exames complementares para a definição da causa de morte ou a utilização dos corpos em aulas nessas instituições. Não foi o objetivo desta pesquisa estender-se por um escopo temporal maior. Contudo, não pode ser desconsiderada a possibilidade de esse ser um mecanismo de ocultação de corpos, necessitando-se de investigação mais aprofundada.

O trabalho buscou, portanto, a partir da investigação dos enterramentos realizados no cemitério do Araçá, elencar caminhos metodológicos para a busca de desaparecidos na documentação, ou seja, delinear uma pesquisa sistemática que parte da tabulação dos dados, produz tratamento estatístico e permite uma análise cujo processo pode ser dividido nas seguintes etapas: 1) busca por nomes de pessoas desaparecidas; 2) análise dos casos de desconhecidos; 3) levantamento de casos relacionados a mortes violentas e 4) discrepâncias em relação à quantidade de mortes no mês em que houve a repressão policial contra a greve. Esse caminho possibilita levantar diferentes linhas de análise na documentação. O mesmo pode ser feito com outros cemitérios, como é o caso do já citado cemitério do Brás (atual cemitério da Quarta Parada).

Por fim, sugere-se uma busca mais extensa a partir de registros de exames necroscópicos das mortes suspeitas e violentas ocorridas próximas à Greve Geral, procedimento anterior ao sepultamento e de responsabilidade do Gabinete Médico Legal, capaz de prover maiores informações sobre as circunstâncias de morte das vítimas e também de lançar luz a respeito de possíveis mecanismos utilizados para o ocultamento de corpos nesse contexto. Para além da Greve Geral de 1917, a metodologia apresentada pode apontar um caminho revelador em outros trabalhos que tenham o objetivo de descortinar ações violentas cometidas pelo Estado, como é o caso da ditadura militar e de eventos que tem se tornado infelizmente cotidianos nas periferias das cidades brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALSALOBRE, Sabrina Rodrigues Garcia. A história de São Paulo no ano de 1918 pelo olhar do jornalismo militante: uma análise dos gêneros textuais de *O Combate*. **Anais do VI Simpósio Internacional de estudos de Gêneros Textuais**, Natal /RN: VI SIGET, 2011. Disponível em:

[http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Sabrina%20Rodrigues%20Garcia%20Balsalobre\(UNESP\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Sabrina%20Rodrigues%20Garcia%20Balsalobre(UNESP).pdf). Acesso em: Jul. 2017.

BANDEIRA, Moniz; MELO, Clovis; ANDRADE, A. T. **O ano vermelho. A revolução russa e seus reflexos no Brasil**. Civilização Brasileira, 1967.

BASSANEZI, Maria Silvia. Imigração e mortalidade na terra da garoa. São Paulo, final do século XIX e primeiras décadas do século XX. **Anais do XIX Encontro de Estudos Populacionais**, São Pedro/SP: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2014. Disponível em: < <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/2101> >. Acesso em: Jul. 2017.

BATALHA, Claudio. **O Movimento Operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BIONDI, Luigi. A Greve Geral em São Paulo e a Imigração Italiana: Novas Perspectivas. **Cadernos AEL: Imigração**, Campinas-São Paulo, v.15, n.27, p.259-310, 2009.

CAMARGO, Luís Soares de. **Viver e morrer em São Paulo**: a vida, as doenças e a morte na cidade do século XIX. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 552 f., 2007. (Tese de Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

DEL ROIO, José Luiz. **A greve de 1917: os trabalhadores entram em cena**. São Paulo: Alameda, 2017, 129 p.

DENYER WILLIS, Graham. The Potter's Field. **Comparative Studies in Society and History**, 60(3), 539-568. 2018. doi:10.1017/S001041751800018X.

DULLES, John W. Foster. **Anarquistas e Comunistas no Brasil**. Nova Fronteira, 1973.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ENTINI, Carlos Eduardo. São Paulo congelou em 1918. **Acervo Estadão**, São Paulo, 24 jul. 2013. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,sao-paulo-congelou-em-1918,9168,0.htm>. Acesso em: Jul. 2017.

FOUCAULT, Michel. (1992). **Vigilar y castigar: nacimiento de la prisión** (20 ed.). Madrid: Siglo XXI.

FUNDAÇÃO SEADE. **São Paulo outrora e agora**: informações sobre a população da capital paulista, do século XIX ao XXI. São Paulo: 2004. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/spoutraqora/sp_outrora_agora.pdf. Acesso em: Jul. 2017.

LOPREATO, Christina Roquette. **O Espírito da Revolta**: a greve geral anarquista de 1917. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1996. (Tese de Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1996.

MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. Medicina e Ensino Médico em São Paulo, 1891-1918: Disputas e Conflitos de um Projeto em Construção. In: MARINHO, Maria Gabriela S.M.C.;

MOTA, André. (Org.). **Medicina, Saúde e História: Textos Escolhidos & Outros Ensaios**. 1ed. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo/Editora da Universidade Federal do ABC/Casa de Soluções e Editora, v. 1, p. 57-79, 2014.

MARTINS, José de Souza. **São Paulo no Século XX: primeira metade**. Imprensa Oficial, 2011.

MARTINS, Marcelo Thadeu Quintanilha. **A civilização do delegado**: modernidade, polícia e sociedade em São Paulo nas primeiras décadas da República, 1889-1930. São Paulo: Alameda, 2014.

MEDEIROS, Flavia. **Matar os mortos**: a construção institucional de mortos no Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro. Niteroi: Universidade Federal Fluminense, 2012. (Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2012.

SANTOS, Flávia Medeiros. Vidas ordinárias, corpos matáveis: moralidades e emoções na construção institucional de mortos no Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro. In: LIMA, Roberto Kant; EILBAUM, Lucia. (Org). **Pensando o Rio**: administração policial e judicial de conflitos. Niterói: Editora Intertexto, 2016.

SANTOS, Maria Celeste Cordeiro Leite dos. Conceito médico-forense de morte. **Revista da Faculdade de Direito**, Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 92, p. 341-380, jan. 1997. ISSN 2318-8235. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67369>>. Acesso em: Jul. 2017.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole** - São Paulo nos Frementes Anos 20. Companhia das Letras, 1992.

SEVCENKO, Nicolau. **A Corrida Para o Século XXI** - No loop da montanha-russa. [Companhia das Letras](http://www.companhiadasletras.com.br), 2001.

VENDRAMINI CARNEIRO, Eliana Faleiros; GENNARI, Patrícia Visnardi. O Ministério Público em Busca de Desaparecidos: desaparecimentos forçados por omissão do Estado. **Revista Liberdades**, v. 22, p. 01-15, 2016.

SITES CONSULTADOS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Indicadores sociais mínimos**. Conceitos [online]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/conceitos.shtm>. Acesso em: Jul. 2017.

IRMANDADE da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. **Histórico.** Disponível em: <<https://www.santacasasp.org.br/portal/site/quemsomos/historico>>. Acesso em: Jul. 2019.

SÃO PAULO. SECRETARIA DA CULTURA. **Memorial da Resistência de São Paulo no âmbito do projeto Lugares da Memória.** Instituto Médico Legal de São Paulo (IML). Disponível em: <http://www.memorialdaresistencia.org.br/memorial/upload/memorial/bancodedados/130844883726263528_FICHA_COMPLETA_IML.pdf>. Acesso em: Fev. 2019.

SÃO PAULO. SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA. **Linha do Tempo.** Disponível em: <<http://www.ssp.sp.gov.br/Institucional/Historico/TimeLine.aspx>>. Acesso em: Jul. 2017.

UNIVERSIDADE de São Paulo. Faculdade de Medicina. **Histórico.** Disponível em: <<http://www.fm.usp.br/fmusp/institucional/historico>>. Acesso em: Jul. 2019.

UNIVERSIDADE de São Paulo. Serviço de Verificação de Óbitos da Capital. **Histórico.** Disponível em: <<http://www.svoc.usp.br/historico.htm>>. Acesso em: Jul. 2019.

UNIVERSIDADE Federal de São Paulo. Escola Paulista de Medicina. **História.** Disponível em: <<https://www.unifesp.br/campus/sao/epm/institucional/apresentacao/historia>>. Acesso em: Jul. 2019.

Recebido em: 31/03/2020

Publicado em: 30/06/2020